



Primeiro Encontro Psicanalítico de Paraty

Diálogos com a cidade

Organizadores: Tiago Julio Bonfada,
Daniela Bormann, Carlos Eduardo Teixeira
de Souza, Silvana Torres e Aguida Nozari

Editora: Sesc Paraty, 2019, 199 p.

Resenhado por: Mariangela Relvas¹

O Primeiro Encontro Psicanalítico de Paraty originou-se do projeto de um grupo de membros da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), sob a iniciativa do médico e psicanalista, naquela cidade, Tiago Bonfada, com o intuito de difundir, em linguagem compreensível, o conhecimento psicanalítico no contexto psicossocial da comunidade paratiense, por meio de representantes da diversificada cultura local, composta de quilombolas, indígenas guaranis, caiçaras e demais paratienses.

A oportunidade de os assuntos serem abordados de forma dialógica possibilitou a escuta das experiências sociais locais, dando voz aos cidadãos, nas suas especificidades e singularidades. A partir de uma ambientação histórica, cultural e conceitual psicanalítica, proporcionou um espaço de troca inédito sobre temas como escravidão e liberdade, exclusão e inclusão, preservação e destruição, criatividade e repetição, coexistência e intolerância, nativo e estrangeiro, chegadas e partidas, e por último o que poderia representar a transmissão de um “legado” com base nessas contribuições.

Promovido pelo Sesc Cultural, com o apoio da SPRJ, no ano de 2018, todo o conteúdo apresentado, debatido e discutido foi transcrito com notável fidelidade e publicado na XVII Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2019, em edição distinguida. São ao todo nove capítulos, os quais incluem textos, letras de música, poesias, ilustrações do evento e fotos belíssimas do cotidiano da cidade pelas lentes do fotógrafo Giancarlo Mecarelli.

O volume se inicia pela trilogia instaurada com o texto “Um breve histórico da cidade”, de Diuner Mello, sócio fundador do Instituto Histórico e Artístico de Paraty e da Fundação Paraty Cultural. O autor faz ponderações que contribuem para ambientar o leitor e alicerçar as várias dimensões exploradas. Em debate continuado, Silvana Torres, psicóloga em formação na SPRJ, apresenta um “Breve histórico da psicanálise”, no qual explicita as condições

1 Membro didata e docente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ).

socioeconômicas e culturais que favoreceram o surgimento da área, configuradas num texto consistente. A moldura contextual recebe uma costura conclusiva com “Descoberta da brasilidade em Paraty”, da lavra de Ronaldo Vicker, médico e psicanalista da SPRJ, que expõe o paralelismo entre algumas questões da psicanálise e a instalação dos alicerces da cidade de Paraty, que guardou a essência da brasilidade na sua história, no povoamento do seu território e no seu desenvolvimento econômico e cultural.

“Escravidão *versus* liberdade” inaugura a aproximação dos diálogos de Paraty com as temáticas centrais. Nesse sentido, Ronaldo dos Santos, representante do quilombo Campinho da Independência de Paraty e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), desvela a atemporalidade do racismo contemporâneo ao apresentar sua luta em prol do fortalecimento da identidade da população quilombola, da recuperação da autoestima e do desenvolvimento e da sustentabilidade do território conquistado. Eloá Silva de Moraes, assistente social do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) de Paraty, trabalhadora da rede pública municipal e integrante do coletivo de Mulheres Pretas de Paraty, fala sobre “Saúde mental e relações étnico-raciais”. Traz dados de sua pesquisa no Caps de Paraty, analisa o impacto da situação da saúde mental na população negra e nas relações étnico-raciais, e apresenta ainda um testemunho pessoal sobre as dificuldades e os desafios ao enfrentar o racismo institucional que incide nas mais diferentes dimensões das instituições e organizações pesquisadas. Letícia Neves, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), em “Reflexões sobre escravidão *versus* liberdade”, aporta a contribuição da psicanálise ao tema ao discorrer sobre a necessidade do ser humano de criar um espaço intersubjetivo de pertencimento e reconhecimento, que seja conquistado como um lugar de resgate da condição humana roubada pela escravidão.

O debate seguinte, sobre “Exclusão *versus* inclusão”, tem início com Januária Pralon Moreira, paratiense, psicóloga da saúde mental do município. Ela expõe a violência do trauma da exclusão do racismo, ao relatar a trajetória de sua vida familiar e pessoal e descrever um cenário caótico, que inclui os crescentes episódios de violência na cidade, decorrentes da falta de políticas públicas e sociais, o que contrasta com o fato de Paraty ter tido o seu centro histórico proclamado patrimônio mundial em 2019, pelo Comitê da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A seguir, Cynthia Ladvoat, psicanalista da SPRJ, em “Exclusão e inclusão, do abandono à adoção”, analisa o sofrimento provocado pela marginalização, que compromete as comunidades quilombolas, os indígenas e a população carente. Ao mesmo tempo, explicita as contribuições da psicanálise sobre a necessidade de entender essas situações traumáticas, que comprometem as gerações de

adolescentes e crianças em risco. O tema recebe um fecho com Márcia Câmara, também psicanalista da SPRJ, que propõe uma discussão sobre os conceitos de exclusão e inclusão social e sobre a necessidade de que essa questão seja também analisada do ponto de vista do direito da cidadania.

No capítulo “Preservação *versus* destruição”, surgem as reflexões de dois indígenas. Leonardo Gabriel Benites trata da sua aldeia e das consequências da destruição das matas e das florestas. Flávia Ara da Silva fala sobre a relação sagrada com a mata, a importância da história dos indígenas guaranis, os ensinamentos dos caciques, a preservação do artesanato, da língua e do direito à saúde. Em continuidade, Carlos Felipe de Andrade Abirached, advogado em política e gestão ambiental e analista do Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade, discorre acerca de como a cidade é um exemplo da dualidade preservação *vs.* destruição, a qual remete à crise civilizatória e às disputas sobre o uso do território do município. Fala da diversidade étnica singular de Paraty e destaca a importância das manifestações culturais, das festas religiosas tradicionais, do centro histórico (com sua arquitetura colonial), da rica gastronomia e das paisagens da cidade. Aponta os efeitos deletérios do turismo e o direito dos moradores a uma cidade digna, à mobilidade, ao saneamento e à conservação ambiental. Dentro do mesmo tema, Daniela Bormann Vieira, psicanalista da SPRJ, aborda do ponto de vista psicanalítico a questão da destrutividade humana. Faz referência aos instintos de vida e morte, ao conflito entre a preservação da natureza e das culturas e a destruição causada pelo desenvolvimento econômico. Destaca a necessidade de abrir espaço ao diálogo e a uma expressão mais amorosa com a vida, que possibilite a transformação, a integração e o desenvolvimento da capacidade de pensar.

No eixo de discussão sobre “Criatividade *versus* repetição”, Marcos Caetano Ribas, diretor teatral e idealizador do Teatro Espaço em Paraty, mostra de que maneira sua vida e sua arte foram pautadas por seus desejos e ideais. Fala sobre o trabalho do artista para produzir sua arte, as fontes da criatividade e a capacidade criadora da repetição. Por último, dá um depoimento sobre seu trajeto profissional e de vida, em busca da liberdade e da capacidade de criar. Maria Eliana Mello, psicanalista da SPRJ, faz um contraponto à apresentação anterior ao trazer contribuições da psicanálise em relação às forças psíquicas necessárias e contrárias ao trabalho de criação. Argumenta que a repetição pode ser prazerosa, mas também pode ser a causa da dor ou do horror, fato denominado por Freud de *uma força demoníaca*. Essa é uma força que caminha em oposição à criatividade e à mudança psíquica. Nesse caso, Tânatos, travestido de Eros, rouba a possibilidade de o sujeito ter sua própria existência. A linha dialógica recebe caráter integrativo em “Sobre o viver criativo”, de Vera Lúcia Benchimol, psicanalista da SPRJ. Ela destaca no texto de

Marcos Ribas a capacidade de o ser humano viver de acordo com os próprios valores e talentos, de forma criativa. Assinala que estar presente, sentir-se real e em sintonia com o mundo da realidade compartilhada é algo que representa uma conquista. Desenvolve esse tema com contribuições da psicanálise e da sua experiência de prática clínica.

No diálogo “Coexistencia *versus* intolerância”, Luís Perequê, caçara, compositor e cantor, traz algumas de suas composições musicais que exaltam a natureza e a contrapõe aos malefícios do progresso, tendo como cenário a cidade e a população de Paraty. Sobre a sua poesia, os psicanalistas da SPRJ Débora Regina Unikowski e José Henrique Cunha Figueiredo fazem alguns comentários. Débora aborda as distintas formas de que se reveste a intolerância e a necessidade de reconhecimento do outro como alguém separado e diferente. Destaca as contribuições de Freud como um homem amante da natureza, dos homens e da arte. Refere-se às pulsões de vida e de morte, ao amor e ao ódio, à ambivalência e ao desamparo do ser humano. Já José Henrique comenta algumas passagens da poesia de Perequê, analisando a riqueza simbólica da narrativa, das vivências e dos sentimentos.

A proposta de discussão sobre “Estrangeiro *versus* nativo” inclui o texto de uma teleconferência realizada com os italianos Paolo Bucci e Fausta Romana em debate com Carlos Eduardo Teixeira de Souza, psicólogo em formação na SPRJ. Paolo Bucci discorre sobre várias questões do ponto de vista psicanalítico e antropológico, como a necessidade de considerar a presença da diversidade e do diferente enquanto condição fundamental para os processos vitais, individuais, culturais e sociais. Carlos Eduardo, em contraponto, fala do estrangeiro como um lugar subjetivo, daquilo que nos habita e nos ameaça e do caminho onde o estranho possa ter acesso à fala, e não ao sintoma.

No capítulo que trata de “Chegadas e partidas”, aparece o relato de Gibrail Rameck Júnior, caçara, navegador e idealizador do Projeto Instituto Náutico de Paraty. Ele conta sua história e a de sua família na cidade, e suas experiências e aventuras como navegador em um veleiro. Tânia Leão Pedroso, psicanalista da SPRJ, comenta o texto de Gibrail sob o ponto de vista psicanalítico e relaciona o ofício do psicanalista ao de um navegador de mares interiores, no qual as chegadas e partidas se dão rumo à desconhecida viagem para dentro de si mesmo. O curador do evento, Tiago Julio Bonfada, médico residente na cidade de Paraty e psicanalista da SPRJ, fala das motivações que fizeram dessa cidade um palco de discussão de ideias das mais diferentes fontes, ao mesmo tempo que traça paralelos entre as necessidades e competências exigidas de um velejador durante a navegação e os recursos exigidos pelo difícil percurso da vida e do processo psicanalítico.

No último capítulo, intitulado “O legado”, enfatiza-se a necessidade de ouvir o outro em sua complexidade por meio de diálogos vivos e capazes de

gerar transformações. Assinala-se ainda a importância de tudo que foi vivenciado nesse encontro, em que jovens psicanalistas organizaram e fizeram acontecer um evento que representou a abertura de um canal de comunicação livre para o intercâmbio de trocas afetivas, que puderam ser repensadas sob o olhar da psicanálise. Por fim, cabe ressaltar que o livro propõe, sobretudo, uma maior difusão do conhecimento psicanalítico mediante reflexões sobre a sua intersecção com a comunidade e a cultura.

Mariangela Relvas Pinto

Rua Voluntários da Pátria, 450/210

22270-010 Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 21 2530-4020 | 21 98213-1606

mariangelarelvas@gmail.com